

2022: regresso ao futuro

Teremos mais do mesmo: incerteza, volatilidade, complexidade. Desafios globais que exigem respostas globais, como a pandemia, as migrações, as convulsões nos mercados financeiros e o regresso dos autoritarismos.

Nuno Severiano Teixeira | *Público* | 29 de dezembro de 2021

O que nos espera para 2022? Dizia um amigo meu: previsões, só de longo prazo. Para quando o momento chegar já cá não estarmos e não correremos o risco de errar. Não arrisco, por isso, previsões de curto prazo. Mas não arriscarei muito, se olhar para as tendências de hoje e adivinhar os desafios de amanhã. É um regresso ao futuro. Ou, dito de outro modo, mais do mesmo: incerteza, volatilidade, complexidade. Desafios globais que exigem respostas globais. Arrisco quatro para 2022.

Primeiro, a persistência da pandemia. Nos países desenvolvidos e com altas taxas de vacinação o terceiro ano da pandemia será, certamente, melhor do que os dois primeiros. A vacina quebrou a relação entre o número de casos e o número de internamentos e mortes, o que significa que a pandemia terá menor impacto na saúde e na economia. A imunidade, as vacinas multivalentes e os tratamentos com anticorpos, que as farmacêuticas já anunciaram, podem reduzir o número de casos e a probabilidade de novas variantes. A covid-19 pode tornar-se mais uma das muitas doenças endémicas nestes países.

Ao contrário, nos países em desenvolvimento, com baixíssimas taxas de vacinação, a pandemia continuará a agravar a saúde pública e a atrasar a recuperação económica. As estimativas apontam para que só em 2023 atinjam as taxas mínimas de vacinação. Ora, essa falha nas vacinas continuará a potenciar novas variantes e a afectar não só os países em desenvolvimento, mas também os países desenvolvidos. É um problema global e a resposta só poder ser a cooperação internacional nas vacinas. Em 2022 a ameaça à saúde global e o destino da pandemia podem estar não tanto nas novas variantes, mas antes na desigualdade iníqua na distribuição das vacinas entre ricos e pobres e no luxo da negação da ciência e da resistência às vacinas que se permite entre os ricos.

Segundo, as crises migratórias. Em 2015, a guerra civil na Síria conduziu à Europa mais de um 1,3 milhões de pessoas, para além das mais de 3700 que perderam a vida nas águas do Mediterrâneo. E de então para cá nunca mais pararam, nem a vaga de migrantes e refugiados, nem a divisão entre os europeus sobre a crise migratória. Em 2021, a saída do Afeganistão, a instrumentalização dos migrantes por Lukashenko e as perdas de vidas no Canal da Mancha e no Mediterrâneo trouxeram de novo a questão para o topo da agenda europeia. A fugir à guerra, à repressão política ou à pobreza, milhares de pessoas continuarão a arriscar a vida para chegar à Europa em 2022.

Os muros não resolvem o problema e a Europa precisa, urgentemente, de política comum de imigração e asilo que corresponda aos seus princípios e valores

As [divergências entre europeus persistem](#) e a via legal para chegar à Europa é cada vez mais estrita. Os muros não resolvem o problema e a Europa precisa, urgentemente, de política comum de imigração e asilo que corresponda aos seus princípios e valores.

Terceiro, as convulsões nos mercados financeiros. Há mais de três décadas que não se via uma inflação como em 2021. A explicação para a inusitada subida dos preços pode estar relacionada com a velocidade da recuperação económica, a disrupção nas cadeias de abastecimento ou o custo da energia. Mas será um fenómeno de curto prazo ou, pelo contrário, persistente e sintoma de problemas mais graves? Sobreaquecimento das economias, políticas monetárias ineficazes ou outros factores com impacto sobre os mercados financeiros? Uma coisa é certa, em 2022 a inflação será uma preocupação maior do que o crescimento e há quem tema o regresso da estagflação.

Finalmente, a crise das democracias e o regresso dos autoritarismos. Há 15 anos consecutivos que todos os índices que medem a qualidade da democracia registam uma regressão global das democracias e o reforço dos autoritarismos. Erosão das liberdades cívicas e direitos políticos, ataque à liberdade de imprensa e à independência do judicial, reforço do executivo e enfraquecimento do legislativo, manipulação eleitoral, adiamento ou cancelamento das eleições e, em certos casos, regresso aos golpes de estado. A crise das democracias é acompanhada por um movimento de endurecimento dos regimes autoritários.

A [democracia está à defesa e o autoritarismo ao ataque](#). E isso tem também uma tradução internacional. Em 2022, as eleições para o Congresso nos EUA e o congresso do Partido Comunista na China serão dois momentos a agravar o confronto entre estes dois modelos políticos e estas duas hegemonias globais. Mas o desafio não é apenas para EUA e China. É também para a Europa que, nesse mundo em bipolarização, terá que ponderar muito bem o que fazer da sua “autonomia estratégica”.

<https://www.publico.pt/2021/12/29/opiniao/opiniao/2022-regresso-futuro-1990118>